

Identidade Cultural e Cristianismo em Textos de Gabriel García Márquez

Prof. Dr. Antonio Magalhães¹ (UEPB)

Em alguns dos textos de Gabriel Garcia Márquez, como é o caso *Do Amor e Outros Demônios*, encontramos a longa trajetória do cristianismo em seus diferentes modos de inserção e pertencimento ao nosso continente. Em *Do Amor e Outros Demônios* temos a trajetória da personagem Sierva María de Todos los Ángeles, menina-mulher branca de pele e negra de cultura e religião. Seu destino é representativo dos dilemas e das criatividades culturais das sociedades latino-americanas, marcadas por imposições de discursos autoritários, mas com sinais de decadência, e pelas resistências das culturas em busca de suas cidadanias. Assim como Sierva María de Todos los Ángeles, caminhamos em meio aos escombros das grandes narrativas e nas trilhas das resistências e buscas culturais. A partir de perspectiva teológica e antropológica é possível uma leitura do romance enquanto representação dos diálogos e dos conflitos entre o cristianismo e outras tradições religiosas em nosso contexto, com especial destaque para a relação entre catolicismo e religião africana.

Palavras-chave: religião – literatura – resistência – identidade - cultura

Introdução

Segundo Ernesto Sabato, “os poetas estão sempre do lado dos demônios”. Assim também é o texto de Gabriel García Márquez, *Do Amor e outros demônios*. Como tantos outros textos de nossa literatura, este conjuga narrativa e reflexão sobre a história latino-americana, suas utopias, seus mitos, suas tragédias. Macondo, por exemplo, em *Cem Anos de Solidão*, foi interpretado por vários leitores como uma parábola mítica da América

¹ Antonio MAGALHÃES, Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, na Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade e no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais.

magalhães.uepb@gmail.com

Latina. O *Outono do Patriarca*, pode ser considerado ao lado de *O general em seu labirinto*, também de Gabriel García Márquez, *O senhor presidente*, de Miguel Angel Asturias, e *El recurso del método*, de Alejo Carpentier leituras de nossas figuras políticas, com especial destaque para o papel dos ditadores em nosso contexto, excetuando *O general em seu labirinto*, que narra o trágico percurso de Simon Bolívar.

É dentro deste conjunto de narrativas literárias, com seu transfundo mítico-histórico, que nos aproximamos da leitura do romance *Do amor e outros demônios*, mais um capítulo da exploração imaginativa da história latino-americana. “Nesta ocasião, se adentra no século dezoito e na encruzilhada no mundo colonial americano e caribenho da cultura branca, européia e cristã e a cultura negra, africana e pagã.” (Pagán, Mito, exílio y demonios. Literatura y teología en América Latina, 134). Ainda que o texto não faça alusão a períodos específicos, há indicações de que o mundo do texto reflete sobre o contexto colombiano-caribenho da segunda metade do século dezoito, marcado por sinais de decadência e do esgotamento espiritual de alguns aspectos da cristandade colonial, pelas resistências impressionantes das religiões do outro, no caso aqui da cultura africana; da mutação do reino de Deus assim como sonhado pela igreja colonial, algumas vezes com rasgos de autoritarismo, dos descobridores, conquistadores e evangelizadores no lugar onde os demônios vivem, dentre eles o amor transgressor das normas familiares, culturais, religiosas. Em vez do Deus com um único rosto na grande narrativa colonial, as resistências foram criando seus espaços, os corpos encontraram seu prazer, as religiões massacradas estabeleceram seus lugares.

Da obra e dos personagens

Do amor e outros demônios é um momento decisivo da épica narrativa sobre o mito, a religiosidade e a história no ocaso do domínio imperial espanhol na América Latina. Como toda obra literária, há possibilidades distintas de leituras e aproximações. Dentre os críticos, há os que priorizam a metáfora das angústias de um amor à margem das leis da sociedade e da igreja. Outros preferem a parábola da deterioração incontornável do domínio espiritual de um império destinado à ruína. Minha leitura mescla estas duas grandes leituras do romance, dando destaque ao aspecto religioso e cultural. Aqui é importante reconhecermos na obra este papel decisivo do outro, da resistência que culturas e religiosidades possuem na defesa de seus conteúdos e práticas, ainda que isto aconteça em meio aos escombros das grandes narrativas – neste caso, o texto revela os escombros

do mundo colonial e o mundo do outro que emerge nos pátios, na educação às escondidas, nas amizades proibidas, nas religiosidades transgressoras.

O centro da narrativa já começa com a descrição da primeira saída de casa da Sierva Maria, aos doze anos, portanto uma idade iniciática, à vila e à feira, onde todos indistintamente podiam circular. A feira como espaço público de circulação das culturas, dos grupos, assim como a casa colonial, naturalmente a partir de parâmetros hierárquicos muito claros, também era. Neste lugar, Sierva Maria é mordida por um suposto cachorro louco. Dominga do Advento, negra, escrava, de nome cristão, resolve esconder esta primeira saída de casa. Basta este núcleo narrativo para perceber a explosão de insinuações da obra. Estas saídas escondidas da casa serão verdadeiras indicações das muitas saídas dos grupos dos espaços consagrados e oficiais, para que às escondidas sejam vividas as identidades, as práticas alternativas, para que ali se fomente a cultura do outro. No silêncio imposto criamos resistências. A trama narrativa toma, a partir daí, o seu corpo mais significativo. A Sierva Maria, que, ao nascer, já tivera seu destino protagonizado por Dominga do Advento – seria santa -, pelo pai – seria puta, pelo narrador, seria vítima e a outra, vive neste mundo imaginário-real, de ser má católica e filha devota de deuses africanos. Seu pai, que nunca dera a ela muita atenção, passa, a partir da mordida do cachorro, encontrar cura para um mal que a sociedade mesmo criara. A mordida se transforma em doença, uma doença imposta pelos outros; a doença se transforma em possessão demoníaca; a possessão demoníaca, também imposta, se transforma em ruína sua e cultural, pois nesta busca desenfreada para a cura de uma doença inexistente, para o exorcismo da possessão inexistente, muitos dos escombros da sociedade colonial e das grandes narrativas da época são nomeados, descritos, criticamente interpretados.

É odiada pela mãe (Bernarda) e ignorada pelo pai (Marques de Casaldueiro); após seu nascimento foi batizada em Cristo e consagrada a Olokum. Criada no pátio dos escravos, onde aprendeu a dançar antes de falar; aprendeu três línguas africanas ao mesmo tempo (ioruba, mandinga e congo), a beber sangue de galo em jejum e a esgueirar-se entre os cristãos sem ser vista nem presentida como um ser imaterial, tomava de águas propicias e era purificada com verbena de Iemanjá. Pouco a pouco foram lhe pendurando colares de vários deuses, chegando ao número de dezesseis colares da religião afro-colombiana, os quais lhe serviam de proteção (p. 13,65,66). A menina branca, católica, de educação européia, na verdade é Maria Mandinga, negra, devota de Olokum.

Dentro do imaginário, estas identidades aparentemente distintas estão ligadas à discriminação e separação dentro da moral e da religião, a um mal e a um bem – de um lado, sua vida é associada aos demônios; torna-se insubordina à sociedade e à igreja. Santa por nascer num dia de Santo e ser oferecida aos santos – atrelando a promessa da graça de viver até o dia de seu casamento, ou seja, conservar a sua virgindade. Fato marcante é a ambigüidade de expressões de inocência, pureza da alma e expressões demoníacas (p. 65,69,81,221), como se os mundos tivessem fronteiras tênues, frágeis, apesar do discurso normativo em estabelecer diferenças cabais entre um e outro. A boa nova de seu nascimento que é marcado com o batismo anuncia sua própria condenação e morte. A condição do batismo impõe a pretensa de uma marca de pureza de religião e raça, a qual Sierva Maria não poderia suportar nem pela maior paixão.

É na arte e na religião Ioruba, da dança e da música, que Sierva Maria encontra sua expressão vital. Os movimentos e ritmos se tornam a melhor linguagem para expressar os sentimentos, mais do que a declaração oral e escrita. A divindade representada na figura de Sierva Maria é o Olokum, divindade yoruba de sexo incerto, cujo rosto se presume tão temível que só se deixa ver em sonhos, e sempre de máscaras (p.65). A forte marca desta divindade em Sierva Maria é a luta pela independência que se une à busca da identidade cultural.

Escombros do poder e as resistências no sofrimento

Do amor e outros demônios narra a trágica história de Sierva Maria, fustigada pelas acusações das autoridades eclesiásticas de estar possuída e dominada pelos demônios. É o relato sobre uma jovem branca de pele, negra de hábitos culturais e religiosos, mestiça em sua pertença a dois mundos, sendo sua identidade construída na penumbra do mundo colonial no pátio dos escravos. Ela aspira à liberdade e ao amor, à liberdade transgressora e à identidade heterodoxa, mas é reprimida por um mundo colonial descrito em sua decadência e em seus escombros. É filha não desejada de um aristocrata crioulo e de Bernarda Cabrera, que é uma filha de índio com uma branca de Castilha. Sua gravidez se torna o álibi para o casamento com alguém da nobreza decadente deste mundo colonial. Sem que o Marquês consiga satisfazer à sua “luxúria insaciável”, no dizer de Márquez, ela contrata um negro livre como escravo com o significativo nome de Judas Iscariotes, mais um nome nesta profusão onomástica simbólica da obra e das obras de Gabriel García Márquez. Após a morte violenta de seu amante, a descrição da personagem é correlata à

descrição dos costumes e dos prédios considerados símbolos do poder colonial. Assim como Bernarda Cabrera, que após a morte de seu amante, deixa de ser atraente e entra num processo de decadência física, moral e psíquica, assim também as grandes construções, tais como a casa do Marquês, a Igreja do bispo, o convento das freiras, são descritas em sua decadência, fissura, em seu envelhecimento e podridão. Chega ao fim da vida sendo ninguém, com poder algum de matar alguém. Seu marido, um Marquês sem brilho e poder, é a própria imagem de um mundo que sobrevive aos sôfregos esforços de poder, mas que já não tem as condições ideais para governar os corpos e as mentes, ainda que mantenha o poder de vitimá-los. Este Marquês, vítima e algoz de um sistema colonial em escombros, após a morte de sua amada, antes de seu casamento com Bernarda Cabrera, entra em certo ateísmo contra a religião oficial, mas não busca nenhuma nova, não se identifica com nada e com ninguém. É um ser carente de resistências, mas um bom retrato da ausência de sentido que a religião oficial passou a ter para muitas pessoas neste mundo de escombros simbólicos e políticos. Este ser pusilânime, ateu sem densidade, marcado pela resignação e amargura, tem sua correspondência narrativa na casa onde habita. A mansão aristocrática, construída com opulência, se encontra arruinada e saturada. “Agora todo o esplendor pertence ao passado” (p. 143). Corroborando com o que afirma Pagán:

Sua arquitetura, como também a da casa episcopal e o convento de Santa Clara, é prova da deterioração de um mundo espiritual colonial que perdeu todo o vigor vital, que se dirige unicamente ao anátema e à repressão da alma e do corpo, sem que alguém tenha podido florescer uma alternativa que permita reconstruir a vida social e pessoal (PAGÁN, 1996, p. 144).

Esta descrição é típica no romance das estruturas de domínio colonial. Nos bairros e nos espaços negros, a pobreza resiste com laços de solidariedade. “O bairro dos escravos (...) estremecia por sua miséria. Nas barracas de barro com teto de palma se convivia com galinhas (...) e as crianças bebiam do pântano das ruas. Apesar disto, era o bairro mais alegre, de cores intensas e vozes radiantes.” (p. 180)

No momento decisivo de enfrentar a hierarquia eclesiástica em relação à jurisdição sobre sua filha, Sierva Maria de Todos Los Ángeles, o Marquês demonstrará sua anorexia espiritual, seu mundo de escombros, e a entregará às pessoas que lhe farão vítima da fria

crueledade que emana dos códigos de ortodoxia e pureza. Abrenuncio insiste que a liberte do convento de Santa Clara, onde Sierva Maria será submetida a rituais de exorcismo. “Entre isto e as práticas dos negros não há muito diferença ... E pior ainda, porque os negros sacrificam somente galos a seus deuses, enquanto o Santo Ofício se compraz esquartejando inocentes ou assando-lhes vivos em espetáculo público ... E (Abrenuncio) se perdeu em uma enumeração erudita de antigos autos da fé contra enfermos mentais executados como energúmenos ou hereges.” (p. 98s). Para Abrenuncio, o único perigo que Sierva Maria enfrentava era a vigilância do Santo Ofício, a crueldade dos exorcismos, a severidade inquisitorial da igreja.

Sierva Maria emerge neste mundo decadente. É criada por Dominga do Advento, católica e adepta da fé yoruba. Neste sincretismo entre o batismo cristão e a religiosidade africana, será o segundo mundo espiritual o que prevalece como doador de identidade e poder de resistência, ficando o primeiro como repressor e algoz da vida. “O único que essa criatura tem de branca é a cor” (p. 63), sentenciou sua mãe, defeito que as escravas mais jovens tratavam de sarar pintando-lhe a cara com lama negra. Ela permaneceu analfabeta do castelhano, não chegou, portanto, sequer a falar o idioma do mundo colonial. Nem um preceptor nem uma mestra leiga conseguem instruí-la nas artes e na cultura da Europa. Se forma nos idiomas e nas tradições negras. É tão forte esta influência, que prefere se chamar de Maria Mandinga. Abandonada pelos pais, consegue, na companhia dos escravos, construir um mundo de sentido. “Naquele mundo opressivo no qual ninguém era livre, Sierva Maria era: somente ela e somente ali.” (19), quer dizer, entre os negros. Esta liberdade seria frustrada pelo mundo colonial, cujos escombros podem desabar sobre o outro. Enquanto o desenlace frustrante desta liberdade frágil não acontece, o texto revela artifícios importantes de sobrevivência das resistências culturais perseguidas. Sierva Maria assimilara integralmente a conhecida estratégia de simulação que os negros haviam desenvolvido para sobreviver aos intentos de seus amos brancos de dominar sua vida, a exterior e a interior. Mentir como forma de sobrevivência. Uma correspondência à divindade, a que fora consagrada por ocasião do nascimento; Olokum só se apresenta por meio de máscaras e não tem sexualidade definida. Uma bela alusão à necessária tática de sobrevivências das culturas para aqui transportadas como escravas e que, graças ao que Gabriel Garcia Márquez chamou de revolução das gentes condenadas à morte e ao esquecimento, conseguiram não somente sobreviver mas influenciar decisivamente nossas

identidades, ainda que tenham permanecido como a alteridade a ser combatida pelo mundo colonial e, em parte, pelo mundo pós-colonial.

Aos ouvidos do bispo da diocese, Dom Toríbio de Cáceres y Virtudes, chega a notícia da jovem filha do marquês que fala em línguas idólatras, usa colares consagrados a divindades pagãs, vive, veste, come e bebe com e como os negros, não sabe quem é o deus dos cristãos, nunca assiste a uma missa e, além disto, ainda que tenha sido mordida por um cachorro raivoso, foi a única vítima que não morreu de raiva do cachorro, mas que morreu pela raiva da instituição. Uma situação escandalosa, que feria a consciência cristã e que exigia uma resposta eficaz e pronta da parte das autoridades eclesíásticas. Era necessário por em ordem as coisas “no subúrbio do mundo intimidado pelo Santo Ofício” (p. 66), como diz Gabriel García Márquez. Num diálogo com o pai, o bispo declara a frase curta e impactante: “Deixe-a em nossas mãos”, assim vaticinou o bispo ao pai pusilânime. A partir daí adentramos um mundo de narrativas oficiais marcadas pela grande inventividade do mundo colonial de produzir vítimas e argumentos para que as vitimações fossem não somente toleradas mas exigidas. São documentos oficiais que seguem uma tradição, iniciada por Cristóvão Colombo e todos os colonizadores, continuada nas crônicas e leis das Índias, de ficcionalizar a realidade, cobrindo-lhe com uma interpretação oficial que adquire estatuto de autenticidade independente da sua coerência com o que alega descrever ou legislar (Beatriz Pastor, *Discurso narrativo de la conquista de América*). Isto culmina com sua reclusão no convento, onde continua a transgredir continuamente os códigos de santidade e pureza da instituição monacal. Em pouco tempo consegue transformar o convento em lugar de experiências furtivas, onde se passou a beber licores escondidos, a fumar tabacos proibidos. “Uma menina endemoninhada dentro do convento tinha a fascinação de uma aventura inovadora” (96) Mesmo com a morte de Sierva Maria no final, o processo mostra quão cheia de fissuras era a lógica colonial, quão frágil era seu dogma, quão limitado seu poder de dominar corpos e almas. O próprio bispo declara: “Não somente nós, mas toda a Espanha. Atravessamos o mar oceano para impor a lei de Cristo, e conseguimos êxito nas missas, nas procissões, nas festas patronais, mas não nas almas” (p. 140)

O texto é uma grande reflexão transgressora sobre nossa formação, nossas histórias sempre elaboradas pelos mitos. Esta mescla de mundo colonial em decadência, ou seja, com a identidade ameaçada, e o mundo que emerge em meio a sincretismos, mesclas inesperadas, resistências planejadas. Um mundo marcado pelas buscas das identidades.

Não somos uma duplicação da Europa, somos esta mescla de muitas histórias e de muitos mitos. No romance, Abrenuncio chega a declarar: “Ninguém sabe quem é nestes reinos. E creio que serão necessários séculos para sabê-lo.” (138)

Uma das belas páginas deste mundo silenciado oficialmente, mas resistente em suas táticas e sobrevivências cotidianas, é o encontro de Cayetano Delaura, exorcista nomeado pelo Santo Ofício, e Sierva Maria, já refém no convento Santa Clara. O padre, nomeado para expulsar os demônios de Sierva Maria, por ela se apaixona e com ela passa noites de poesia, pois declamavam poesias um ao outro. Ele se liberta da tutela da razão eclesial, do Santo Ofício, e é possuído pelo mais perigoso dos demônios: o amor que a tudo transgride. O amor sem normas, sem etiquetas institucionais, sem domínios dos corpos. Estas noites clandestinas se tornam verdadeira alusão às muitas noites clandestinas de nossa história construída pelos amores proibidos, pelas religiões transgressoras, pelas identidades da alteridade.

BIBLIOGRAFIA

BONNETT, Piedad. **El mundo según Gabriel García Márquez**. Bogotá: Icono, 2005.

CANEVACCI, M. *Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo, Stúdio Nobel, 1996.

COBO BORDA, Juan Gustavo. **Lecturas Convergentes**. Bogotá: Taurus, 2006.

DETWEILER, Robert/JASPER, David (Org). **Religion and Literature**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Del amor y otros demonios**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

<http://www.el-mundo.es/larevista/num124/textos/quinter1.html>

<http://www.instituto-camoes.pt/revista/marquezrealism.htm>

MAGALHÃES, A. C. de M. **Deus no espelho das palavras – Teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. **Religião e interpretação literária:** Perspectivas de diálogo das Ciências da Religião com a Literatura: O espírito da letra – temas de literatura e teologia. IN: *Religião & Cultura*, vol. III, n°6, jul/dez. de 2004, 11-27.

PAGÁN, Luis Rivera. **Mito, Exilio y Demonios.** *Literatura y Teología en América Latina.* Puerto Rico: Publicaciones Puertorriqueñas, 1996.

PASTOR, Beatriz. **Discurso narrativo de la conquista de América.** La Habana: Casa de las Américas, 1984.

SANCHIS, P. **Religiões, religião...** Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. IN: VV.AA. *Fiéis & Cidadãos: percursos do sincretismo no Brasil.* Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001, 9-57.